JOSÉ LUIZ TAVARES

UMA PEDRA CONTRA O FIRMAMENTO

PEDRO CARDOSO
LIVRARIA

UMA PEDRA CONTRA O FIRMAMENTO

[ARREMESSOS DE UM REZINGA COM O DEDO DO MEIO APONTADO ÀS FUÇAS DO MUNDO]

JOSÉ LUIZ TAVARES

© Edições Sílabo
Almedina
2022.10.18

PEDRO CARDOSO
LIVRARIA

© Edições Sílabo
Almedina
2022-10-18

FICHA TÉCNICA:

Edição: LPC - Livraria Pedro Cardoso
Sede Fazenda Praia, Cabo Verde
Telefone: (+238) 260 15 07 / 08 / 09
livrariapedrocardoso@gmail.com

Título: Uma pedra contra o firmamento [Arremessos de um Rezinga com o dedo do meio apontado às fuças do mundo]

Autor: José Luiz Tavares e autores

Capa e paginação: Inês Ramos [inesramos.designer@gmail.com]

Foto da capa: © Ansel Adams

© do autor. Direitos desta edição reservados à Livraria Pedro Cardoso
1.ª edição: Setembro de 2022

Impressão e acabamento: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

ISBN: 978-989-8894-76-2
Depósito Legal: 505665/22
Tiragem: 300 exemplares

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio, nomeadamente fotocópia, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

Não esperes que espontaneamente digam uma palavra pela grandeza de valores que tu demonstres, ou pela beleza das obras que realizes. Olham e calam-se eternamente; e, podendo, impedem os outros de ver. Quem quer elevar-se, ainda que por virtude verdadeira, deve banir a modéstia.

Giacomo Leopardi

© Edições Almedina 2022-10-18

© Edições Sílabo
Almedina
2022-10-18

AVISO ÀS ALMAS PUDICAS
À ENTRADA DESTE LIVRO

Não leiam delicados este livro
aqueles que embrulhados
em suaves cetins
desconhecem que a vida
é a mais impura invenção

a que se gasta
na alta combustão do pensamento
na impudicícia de nem findar
quando a carne lassa
já nem receia o terror
que desce com as trevas
e cerra os dedos na garganta
afogando o júbilo
de haver sido gente e nada mais

não leiam esses que desconhecem
o gosto da ferocidade
ascendendo aos lábios secos
à língua invetivante
para melhor aquiescer
acerca da soberba harmonia
do obscuro

não o leiam os santificados
nessas liturgias ocas
esses que se sonham
em perenes poses de estátuas
e não se põem de cócoras
para cagar

© Edições Sílabo
Almedina
2022-10-18

mas cagam pela boca
e a isso chamam poesia
(mesmo se fingem que não fedem
aos tráficos em que são mestres
trajados ou não de ministeriáveis vestes
ou em borlas de patuscas academias
com que tentam esconder
a tristeza de serem aquilo
que jamais poderiam deixar de ser)

vestais do puro como diria o sena
mas bolçadores do óbvio
ainda que em afetada dicção
de campónios deslumbrados
(ignorantes porém que a poesia
é da mesma natureza das cucurbitáceas)
quando não mal disfarçado corrimento
rebentando das regueifas enxundiosas
(mas não tanto que não haja quem
os não compre por confettis
da última moda)

não leiam este livro
os que da nobreza conhecem apenas
os brasões faixas e comendas
com que se enfeitam as putas literatas
(sem género cor ou credo)
que não disfarçam porém aquilo que são

menoríssimos escribas
ainda que mui alevantados
no imaginar das rasteiras
que vão tentando pregar
aos que por bravios sendeiros
conhecem o sal
e as agruras da verdadeira criação
(mesmo de costas sabem
que o punhal que mal escondem
é o pez que lhes empesta a alma)

mas lede-o
vós que chegais enfarruscados
e cheirais a uma humanidade
que só pude entrever disfarçado
nas palavras que se não penetram

© Edições Sílabo
A. Medina
2022-10-18

do mundo os estratos de impureza
do longo viver em aflição
aguardando a vindima do espírito
vestem-no de congruência
para o naufrágio que há de vir

mas lede-o vós
que com generosa ternura
e sobretudo genuína sabedoria
sabeis que a vida é apenas
simples eco que fica
depois de já tudo ser
traço dissoluto nas areias do porvir

lede-o vós
que sabeis que o suor do homem
é a razão de me sentar agora
à pedra da palavra
sem delicada pudicícia
a sonhar convosco lugares
onde a pesporrência obnóxia
não há de ter contas
senão nas páginas onde se narram
os naturais humanos desastres
que fodem a danada criação

se fosse de outra maneira
como contar da mágoa imensa
em forma de poesia
que afinal é quanto importa
e não estas viris farpas
que assesto no lombo
dos que da verticalidade
e da macheza conhecem apenas
os enormes chifres
que assinalam aquilo que são
e os lassos penduricalhos
que nem confirmam que um dia
foram mais do que cansados bois
caminho do encerro?

© Edições Sílabo
Almedina
2022-10-18

© Edições Sílabo
Almedina
2022-10-18

1

PÁTRIA SOLETRADA À VISTA DO HARMATÃO

[ANDANÇAS POR CABO VERDE & OUTRAS PARAGENS]

© Edições Sílabo Almedina 2022-10-18

© Edições Sílabo Almedina 2022-10-18

NOTA

Pátria Soletrada à Vista do Harmatão *é um projeto de deambulações por Cabo Verde e que há de resultar num livro autónomo, onde serão abordados aspetos paisagístico-patrimoniais, sócio históricos, culturais, antropológicos e políticos.*

Se se trata sobretudo de invenção e conhecimento do país que há de ser o meu (experimentar a realidade para o trabalho da imaginação), este projeto obriga a deslocações e permanências nas várias ilhas, mas também a alguns locais da diáspora onde haja comunidades cabo-verdianas relevantes. Fá-lo-emos por etapas, à nossa medida, consoante a nossa disponibilidade de deslocação.
A presente safra refere-se aos últimos dias de outubro, primeiros de novembro de 2019.

PRELÚDIO

Aqui começa a viagem. Parto para a invenção e o conhecimento do que há de ser o meu país.

Subir as colinas do tempo, descer aos mares da memória. Ver nas faces dos seus habitantes, reais e imaginados, a suma sede de tudo. Cartografar a pátria dos homens puros na santidade do pecado. Divisar na escuridão a claridade que consola, e no fulgor da palavra viva a certeza de que sou eternamente livre. E na soberania do tempo o discernível sinal da mortalidade.

Com a palavra viva calar a voz do infortúnio, mas tornando tudo verdadeiro entre os prazos do esquecimento. Assinalar que a tarefa do homem é preservar a liberdade. Que criar a beleza é, assaz, a mais alta possibilidade de dominar o tempo. Que, em verdade, nada do que é essencial prospera longe da palavra. E que a vida só é curta se colocada no patamar ou na balança da eternidade. E que lavar e preservar a alma é tarefa da candura e da cordialidade. Que a terra não exige outra ciência que nos sabermos vivos e libertos, e apostados nessa árdua arte de durar, mesmo se te descobres na amargura do exílio, ou em fuga à fatalidade e suas vetustas meadas.

Aqui começa a viagem. E nosso unívoco desígnio de não cegarmos os olhos para quanto nos interpela, mesmo se repisamos a via dos predecessores ou tudo se torna insuportavelmente inenarrável. E se alguém te pergunta acerca do propósito da viagem, responderás que viajas para viajar, para encontrares o país inexistente, para renovares nas palavras as vidas dos despojados, para saberes se o itinerário te leva para além do cabo onde plantaste o coração.

Dirás da morte que adorna a vida fugitiva, porque sabe-la a mais fiel testemunha do arrojo e da comiseração. Se te perguntam de novo, de novo dirás que marchas com os teus pés leves de peregrino sobre a terra, na escuridão mais loquaz, e saltas como o vento nos penhascos por saberes que um tempo de perecimento virá, e não podes negociar com o tempo o teu destino.

Partes para voltares, porque o futuro é uma querença minuciosa, certamente lembrando a criança enferma na casa do luto e da ternura, por certo o surto da sarna recordando, ou acaso esse desalento que desmerece o dedal que se afinca a costurar as abas do porvir. Deste modo aprenderás o que é a vida para o homem, envelhecendo com fulgor bastante, inclinado para o tumulto ou a pacificação, à porta dos meses em que ronda o fervor profícuo, ou essa lassidão que não desemboca na renúncia, porque clara é a via que te faz remontar aos lugares do susto e da adoração.

Não repelirás os juízos temerários porque também a queixa é uma ferida violenta, e, dos lados ambos, talvez faça da falta o prelúdio à prosperidade. O soluço amargo nós o selamos com a decisão sublime de não entregarmos a alma aos tormentos angustiosos, nem esperarmos da boca de deus o trigo ou o joio da parábola, mas nos vastos campos de milho — ó horizonte das nossas perecíveis preces — sermos elos da renovação, porque fomos anunciados para instaurar a festa, mesmo se a falta for o mais conhecido dos condimentos, e, bem antes de nós, outros perguntaram — que é este alforge de enigmas aos pés das queixas surtas nessa cadência que soa à lentidão com que amiúde os homens narram as épocas de grandes faustos e dos maiores sustos?

Partiremos para indagarmos como se determina uma genealogia, mas não aguardaremos pela aprovação que não melhora o nosso pecúlio, herança ou febre. Repartiremos pelos dias o lume do entusiasmo e da candura, para que nos não visitem a vacilação ou o queixume. Sobre as feridas calcaremos a saliva do tempo como propícia poeira que assegurasse, à conta dos indícios, que o dano não é irreparável.

Partir por tantas veredas e caminhos, sem a desculpa dos padecimentos que nos pesam. E assinalar no início de cada trilho este rumo que escolhemos, e assim escapar ao espantalho da pequenez ou da periclitância. E sentados no degrau mais alto espalhar o pólen mais perene, para a consagração do que houvermos nitidamente visto com o olhar da imaginação, quando a apreensão da realidade nos pede o soberano prumo do mistério.

Não teremos, porém, a certeza se porventura o pasmo nos lavará a névoa dos olhos e a espuma das narinas. Se diante da fraqueza a grandeza encherá a nossa boca e os nossos ouvidos. Não saberemos, porque amiúde, ou sempre, duvidamos, porquanto grande *é essa pátria do pânico e do desnorteamento*, e não há fácil refúgio nem termo para o que recrudesce a nossa inquietação.

Haveremos de ler os sinais e os vestígios, os pasmos e as reivindicações desse povo que cantando aguarda a chuva que jamais chega. Esse que desfolheia a incerteza com o melhor dos augúrios, porque lhe é grata essa verdade vindoura: que também haverá descanso na tribulação, e para se dessedentar haverá sempre a escuma ou a névoa, que melhor se estendem quando a poeira fatídica palpa os vivos contornos da *Pátria Soletrada à Vista do Harmatão*.

Que caminhos escolher, se a perícia é essa frágil meada que nos não concede a segurança que pusemos nos vaticínios ou nos propósitos plantados entre as trevas? O que ficar por indagar constará entre as tomos do futuro, porque nesse tempo, pausadamente, palparemos, para melhor assinalar as fendas onde tropeçamos, o ancoradouro da chegada ou os páramos da partida.

Partiremos para sopesar as lendas e as histórias, até ao que remonta à cogitação mais íntima, por razão do nosso pacto, que é como a fome gorda que nos vara até aos ossos.

Partirás ao vento e à chuva que falta aos campos do teu país. Mas corrigirás no poema este descuido dos deuses pregando a bátega benfazeja sempre à cabeceira do teu poema. E, lá onde mais seu estrépito se ouvir, escutarás a voz da mãe chamando-te para dentro de casa, para te benzer com o fumo e a resina que te salvarão do naufrágio e outros padecimentos.

Partiremos peregrinando por essa estrada estreita em busca do melhor de nós, na tradição dos que compreenderam que nada nos manterá ao abrigo da ruína; adiando, porém, o tempo da queda, indo de póvoa em póvoa, acendendo *esse fósforo antiquíssimo da fraternidade*. Sentaremos como a ave de arribação nos penhascos e nos plainos onde se destila, debalde, a presunção do homem, mas partiremos com a primeira treva, essa promessa de luz concedendo-nos a clarividência que só a morte.

Partirei. Partirás. Partiremos medindo com o cordel que não consente a tergiversação o tamanho da linhagem — dos tavares aos borges, aos ferreiras e garcias — como se acaso a salvação não estivesse nos teus pés e na tua fé de peregrino, mas nesta aderência aos pactos, tão precários que amiúde indagarão as mães: quem sois, donde viestes ou que destino o vosso?

E nós também nos perguntamos: quem somos, que varremos o deserto para a sementeira da fraternidade, mesmo se a fraqueza é o que sobra do nosso fogo? Quem sois, pois, vós que descendeis donde sobra o êxtase e multiplica-se o arrebatamento, e não há decretos que digam que estais em falta na balança da fraternidade?

Partimos conversando com o nosso mestre (que tardiamente elegemos como tal) no quinquagésimo segundo ano depois do teu nascimento (quadragésimo quarto da soberania, quingentésimo quinquagésimo nono da chegada), com a determinação de que obraremos façanhas onde nos cerca o malogro, e repararemos a nossa fraqueza ora reafirmando os juramentos, ou escutando os provérbios e as canções, bebendo a água das cabaças, semeando para a esperança ou a deceção, com os nossos precários pés na vizinhança das tradições, que descobriremos como cura diante dos ludíbrios e das profanações.

No ano de tais efemérides partiremos para a ansiada safra, porque a promessa colhe-se no sopé do espanto, cavada a cova larga onde abunda a angústia, porque não sabemos, não sabemos nunca, sob que auspícios dispor os lastros e os signos, e não há viável socorro para aquele que nos intervalos do aplauso sabe que o seu labor é um contínuo caos, e os favores do tempo essa harpa que aguarda o prefácio desesperado da benevolência.

Traremos tal mundo para dentro dos nossos olhos, cônscios de que a perplexidade guarda sempre o itinerário da grandeza. Esse dom, nós o cultivamos na solidão do nosso *cutelo*, não aguardando por nenhuma chuva ou senha, mas fazendo-o descer pelos nossos débeis dedos, em arremetidas intermitentes, com a mais doce das determinações.

Partimos pelo ano em que a essoutra língua nossa (mas que outra?) dedicamos o melhor do nosso labor para resgatá-la do descrédito herdado, e vezes, com tumultuada tristeza, vemos amesquinhada por patética incultura, ou simples falta de brio de cidadania ou da identidade moldada entre os favos do vitupério, nos sopés amplos da arbitrariedade. E se tais destemperos nos atiram à cara, logo a nossa determinação nos ergue para o intento que não conhece fronteira ou pátria.

Porque não é pequena perda viver longe do poço e do forno, do carvão e da fuligem, do feijão e da chacina, do toucinho e da salmoura, da matança e da *corta*, do remo e da forquilha, da pá e da enxada, partiremos para melhorarmos a mitologia e dissecar a debilidade, com um ouvido em cada comarca, e assim entendermos a súplica e o sossego, a renúncia e a soberania.

Seremos hóspedes da cidadania mais exigente, mas forjando nossa própria escala de deveres, e não vendendo por nenhum crédito o que vivifica para além dos cânones, tal é a sua radicação entre as nascentes imemoriais. E porque assim geramos a nossa própria genealogia, arrancando aos signos que se amontoam no sopé da dúvida e da desolação o quinhão atravessado pela propiciação. E com tudo isso misturado nos nossos alforges – o destino e a glória, o pasmo e o arbítrio, a fraqueza e a audácia – partiremos.

Nenhuma tabuleta verás a indicar a pátria prometida, mas saberás sempre que chegaste quando o coração se sobressaltar ao açoite do harmatão ou a tua pele se tingir da tinta turva do sol-pôr. Então, gritarás os nomes todos dos lugares, para concluíres que ansiaste sempre a escuridão porque ela aleita a tua imaginação, que tudo te permitia ver, desde os contrafortes das alongadas serranias, às baías rasas onde sonhaste a beleza que se entreabre na face escondida de nenhures.

Partiremos, não receando a cortante erupção da língua, se ela se nos eriça para o escárnio e o escândalo. Mas bendirás a vida que te deram, o pão duro e a oração esquecida, e, por mais que penses no absurdo sem fim, há uma estrada que te conduz de novo entre altivas montanhas aos pastos onde prosperam a possibilidade e o presságio.

José Luiz Tavares exilou-se no velho Oeste, metaforicamente falando,
e ali afinou a pontaria. Por este lance de humor, estou certo
que Zé Luiz me perdoará. Sentido de humor ele tem-no de sobra.
Só não brinca enquanto escreve. Pousando a caneta, ele é bem capaz
de homéricas gargalhadas. Um homem assim é duplamente imortal.

Arménio Vieira

© Edições Afrontamento 2021

ISBN: 978-989-8894-76-2